

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

Mitos, problemas e sinais: a imprensa gay, a provisoriedade da história e o ativismo antes de 1978

Rita de Cassia Colaço-Rodrigues

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.5464>

Submetido em: 2023-01-19

Postado em: 2023-01-20 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Mitos, problemas e sinais: a imprensa gay, a provisoriedade da história e o ativismo antes de 1978¹

Rita de Cassia Colaço Rodrigues

Museu Bajubá, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. rita.colaco.br@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2784-3342>

Resumo:

A literatura sobre o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) cristalizou a noção de mito fundador, negligenciando o processo histórico e seu maior desafio – superar a identidade deteriorada, aspectos discutidos em outro artigo (COLAÇO RODRIGUES, 2022). A imprensa artesanal gay não é reconhecida como parte integrante do MHB. Este artigo examina a primeira edição do jornal *Baby*, várias edições do *Gente Gay*, *Snob* e *Aliança de Ativistas Homossexuais*, o debate sobre essa imprensa no *Lampião*, publicações gays francesa e estadunidenses e a literatura de referência sobre o tema. Entendendo que a categoria movimento social abarca o conjunto de suas fases, inclusive a embrionária (GOHN, 2008 [1997], p. 259), demonstra-se que esses periódicos não “se limitavam à bem-humorada paródia (...)” (MACRAE, 2018 [1986], p. 165). Eles participaram efetivamente na construção da consciência política e da identidade coletiva dos homossexuais, integrando, portanto, o MHB.

Palavras-chave: Movimento homossexual brasileiro – paradigmas teóricos – subjetividades – imprensa gay artesanal – processo histórico.

Myths, problems and signs: the gay press, the temporariness of history and activism before 1978

Abstract:

The literature on the Brazilian Homosexual Movement (MHB) crystallized the idea of a founding myth, neglecting the historical process and its main challenge – to overcome the stigma of a spoiled identity, aspects that I discussed elsewhere (COLAÇO RODRIGUES, 2022). The rudimentary gay

¹ Princípiei esta pesquisa em 2018. De estilo de trabalho multifocal, ela terminou excedendo em tempo e tamanho, resultando em dois artigos. A leitura conjunta é sugerida, para compreensão integral da discussão. Suas conclusões foram apresentadas em minicursos vários. Diversos colegas contribuíram, socializando fontes, artigos, lendo, reconhecendo as ações precursoras. Agradeço a Benito Schmidt, Carlos Humberto Ferreira Silva-Júnior, Luiz Morando, Remon Bortollozi, Santiago Joaquín Insausti, Thiago Soliva, Vinícius Ferreira. Sou, porém, a única responsável pelo seu conteúdo.

press is not recognized as an integral part. This article examines the first edition of the newspaper *Baby* (Salvador, 1969), several editions of *Gente Gay*, *Snob* and *Aliança de Ativistas Homossexuais*, the debate about this press in *Lampião da Esquina*, and international, French, and US gay publications and the reference literature on the subject. Understanding social movement as a category that covers all of its stages, including the embryonic one (GOHN, 2008 [1997], p. 259), the paper establishes that such Brazilian publications were not limited to “a humorous parody of high society’s mundane events” (MACRAE, 2018 [1986], p. 165). They effectively participated on the construction of political awareness and collective identity of homosexuals, thus belonging to the BHM.

Keywords: Brazilian Homosexual Movement, theoretical paradigms, subjectivities, rudimentary gay press, historical process.

O movimento homossexual, como a classe operária, “não surgiu tal como o sol, numa hora determinada.” (THOMPSON, 2020a [1963], p. 9)

O historiador E. P. Thompson (2020b [1963]), para a formação da classe operária inglesa, no século XIX, e o sociólogo Eder Sader (1988), para os movimentos populares brasileiros das décadas de 1970 e 1980, em São Paulo, destacaram o papel determinante das publicações clandestinas e artesanais no processo de constituição da consciência política daqueles atores. No caso paulista, os coletivos que se organizavam a partir deles, vários apoiados pelos setores progressistas da Igreja Católica, também proporcionaram suporte nos embates com o campo autoritário. Tais setores legitimaram várias de suas reivindicações, inserindo-as na agenda de realização dos valores de justiça e fraternidade, referências nas lutas que empreenderam. As pessoas homossexuais², contudo, não dispunham de instituição legitimadora em seu processo de organização. Apesar disso, contaram com redes e espaços de sociabilidade construídos pelas gerações anteriores, avançando na conquista e criação de outros (RODRIGUES, 2016; MORANDO, 2018; BITTENCOURT, 1978). Um desses foi a imprensa gay artesanal. Esses periódicos e, por extensão, as redes de sociabilidade formadas em torno deles, propiciaram a pertença e a construção de mecanismos de proteção recíproca. Jorge Luís Pinto Rodrigues (2005)

² Designativo genérico.

também reconhece esse papel estruturante da identidade desempenhado pelos periódicos da imprensa homossexual.

Entretanto, ao contrário do que ele e outros afirmam, as páginas desses veículos artesanais não “se limitavam à bem-humorada paródia dos acontecimentos mundanos da alta sociedade” (MACRAE, 2018 [1986], p. 165) – legítimo elemento da subcultura, expressão de sua resistência. Naqueles periódicos também refletiam sobre si e o lugar que a sociedade lhes designava; reelaboravam a experiência da subjetividade desqualificada e marcada pela culpa; problematizavam os modos de estruturação de suas práticas e identidades sexuais. Naquelas publicações expressavam a consciência de que suas expressões culturais, incluída a sua imprensa artesanal, eram, sim, uma forma de ação política, naquilo que chamavam eles próprios de “movimento homossexual”, “União Brasileira de Entendidos” e “movimento gay brasileiro” (*Aliança dos Ativistas Homossexuais*, n. 2, 1977; *Gente Gay*, n. 3, 15/02/1977, p. 15).

A literatura acadêmica sobre o Movimento Homossexual Brasileiro, porém, cristalizou a ideia do mito fundador, desconsiderando a não linearidade dos movimentos sociais e o esforço adicional na constituição da consciência política, exigido aos atores alvo de processos de estigmatização (COLAÇO RODRIGUES, 2022). Este artigo examina a primeira edição do jornal *Baby*, várias edições do *Gente Gay*, *Snob* e *Aliança de Ativistas Homossexuais*, o debate sobre essa imprensa no *Lampião*, publicações gays francesa e estadunidenses e a literatura de referência sobre o tema. Os principais editores aqui abordados são Frederico Jorge Dantas³, Waldeilton di Paula (sic; Paulete Godiva), Agildo Guimarães (Gilka Dantas), Hélio Fonseca (Gato Preto) e Anuah Farah (Bianca Marie).⁴ Entendendo que a categoria movimento social abarca o conjunto de suas fases, inclusive a embrionária (GOHN, 2008 [1997], p. 259), demonstra-se que esses periódicos não “se limitavam à bem-humorada paródia (...)” (MACRAE, 2018 [1986], p. 165). Eles participaram efetiva e conscientemente na constituição do Movimento Homossexual Brasileiro.

Da fase artesanal da imprensa gay brasileira temos: no Arquivo Edgard Leuenroth, um acervo amplo, mas fragmentário; no *Lampião*, o debate protagonizado por Frederico Jorge Dantas, José Alcides Ferreira e Peter Fry e a entrevista com os principais editores dessa imprensa no Rio de Janeiro, realizada por Leila Míccolis; as leituras produzidas por Edward MacRae (2018 [1986]), James Green (2000 [1999]), Jorge Caê Rodrigues/Jorge Luís Pinto Rodrigues (2005; 2007; 2010), Carlos Figari (2007), Rogério da Silva Martins da Costa (2010); e as referências a um periódico de

³ No *Lampião da Esquina* aparece grafado como Fredirico.

⁴ Segundo Agildo Guimarães, o uso dos pseudônimos resultava da necessidade de gestão do estigma (FRY, 1978, p. 4; MÍCCOLIS, 1980, p. 6-7). Guimarães datilografava o *Snob* na Vale do Rio Doce, após o expediente, e foi demitido porque esqueceu o exemplar na gaveta e foi descoberto (MÍCCOLIS, 1980, p. 6).

fins da década de 1950, em São Paulo, elaboradas por José Barbosa da Silva (GREEN, 2000 [1999], nota 115, *in fine*, p. 325; SILVA, 2005 [1960]), p. 171). Novas pesquisas têm surgido, sobretudo no jornalismo (FERREIRA, 2019; SILVA-JÚNIOR, 2022).

Peter Fry tratou das experiências soteropolitanas de Waldeilton di Paula, cujo acervo teve acesso. Míccolis, na entrevista com Anuah Farah e Agildo Guimarães, teve acesso ao seu acervo, posteriormente doado ao AEL. Míccolis (1983, p. 96-110) e esta autora⁵ (COLAÇO, 1984, p. 57-66) realizaram o esforço possível para a recuperação e divulgação dessas iniciativas. Míccolis mapeou 27 publicações dessa geração no Rio de Janeiro, entre 1961 e 1977 (MÍCCOLIS, 1983, p. 7). Esta autora listou, com nomes, unidade federativa, responsável e ano de surgimento, 36 títulos, de 1960 a 1982, sendo trinta deles anteriores ao *Lampião* (COLAÇO, 1984, p. 61). Em 1986, Míccolis enriqueceria esse levantamento com outros títulos no *Catálogo de imprensa alternativa* (MÍCCOLIS, 1986). James Green apresenta uma relação com trinta publicações (2000 [1999], p. 325). Com títulos novos, deixa de mencionar outros tantos já listados. Embora cite Míccolis e esta autora nas suas referências, para mais informações sobre essa imprensa, Green (2000 [1999], p. 473; 489) remete exclusivamente para o texto de Fry no *Lampião* n. 4, p. 4. Ele apenas fornece título, local da edição e ano, sem mencionar o responsável pela publicação. Parte dela está depositada no Arquivo Edgard Leuenroth. De alguns deles apenas se tem preservado um exemplar, o que compromete o entendimento integral dessas experiências (SILVA-JÚNIOR, 2022, p. 2).

O mais antigo registro de um periódico homossexual que se tem no momento foi encontrado por José Fábio Barbosa da Silva em São Paulo, entre os anos de 1959 e 1960 e recuperado por James Green (2005). No livro de sua tese, Green destacara a constatação de Barbosa da Silva de que “a publicação refletia um desenvolvimento significativo da organização dessa minoria” (GREEN, 2000 [1999], nota 115, *in fine*, p. 325). No texto de José Fábio temos mais detalhes desse processo, segundo ele, “variado não só quanto a diferentes graus, como também quanto a orientações.” – “Há muita variação quanto aos ideais e à orientação que a minoria deveria assumir”, continua Silva; “alguns em direção a uma maior organização, enquanto outros essencialmente em relação a uma maior individualização e quebra de possíveis elos existentes para a unidade grupal.” Ele ilustra essa diversidade de entendimento com a notícia da breve existência de um periódico que circulou na região, “comentando a vida de um subgrupo de homossexuais ostensivos” (afeminados). A publicação, inicialmente muito bem recebida por uma parte da minoria, considerada expressão da cultura do grupo, foi recebida por outros integrantes como “subversiva” e contrária aos seus

⁵ Que aparece referenciada em distintos sobrenomes.

interesses. Silva não esclarece se essa contrariedade resultaria da quebra do segredo da minoria, mas destaca que essa publicação expressava “um movimento original que levaria a uma maior organização da minoria [...] como tem ocorrido em outros contextos.” (SILVA, 2005 [1960], p. 171).

Esse processo de organização dos homossexuais, reconhecido por José Fábio, pode ser verificado em outras publicações disponíveis no Arquivo Edgard Leuenroth, assim como nas diversas tentativas de realização de congressos, por parte de homossexuais como de travestis⁶ (MORANDO; COLAÇO, 2022); nas diversas experiências (efêmeras) de grupos de discussão (COLAÇO RODRIGUES, 2022); e em várias matérias na imprensa comercial: revista *Manchete*, ed. 1325, 10/09/1977, p. 89-90, "Os homossexuais brasileiros resolveram que chegou o momento de se assumir e partem à luta aberta contra os preconceitos" ("Tanto a mãe do loiro Mário Campello como a de Roni Brandão, ambos pintores, não têm qualquer preconceito contra a união assumida de seus filhos" // "Timochenko Wehbi (de pé) e seu grupo procuram reabilitar o homossexual na moderna dramaturgia" // "A peça Belos e malditos atrai todas as noites legiões de ruidosos assumidos que aplaudem a representação de seus dramas cotidianos" // "Sensível ao crescimento demográfico de entendidos, o cronista Giba Um apoiou a criação da Coluna do Meio"); a entrevista de Rogéria a Aguinaldo Silva, no *Pasquim*, citada por James Green (2000 [1999], p. 418 e p. 443, nota 86), na qual o próprio James Green reconhece que a fala de Rogéria “era eminentemente política. Ele [o travesti Rogéria] categorizava os homossexuais como uma minoria oprimida e pregava a auto-afirmação como meio de superar a discriminação – dois elementos básicos do movimento internacional” (GREEN, 2000 [1999], p. 418); a reportagem publicada pela revista *Realidade* de maio de 1968, onde, segundo o brasilianista, “nenhum dos homens entrevistados considerava sua orientação sexual como uma doença” (GREEN, 2000 [1999], p. 426 e 445, nota 107); as cartas comentando essa reportagem, citadas pelo mesmo pesquisador e acrescentadas das partilhadas por Luiz Morando (*Realidade*, ano III, n. 27, jun. 1964, p. 6 e n. 28, jul. 1964, p. 4-5).

Ainda na imprensa comercial podemos encontrar vários outros registros, da década de 1960, demonstrando o processo de mudança por que passava a representação da homossexualidade, fruto da difusão das ideias ativistas, vindas sobretudo da Europa. Em consulta à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁷, no período de 1960 a 1969, com o termo “associação de homossexuais”,

⁶ Luiz Morando também encontrou diversos registros na imprensa mineira, documentando já desde a década de 1950 iniciativas que chamei, em minha tese, equivocadamente, de protoativismo (MORANDO, 2018; RODRIGUES, 2012). Agradeço a Benito Schmidt por me haver alertado para a imprecisão do termo, vez que se trata, efetivamente, de ativismo.

⁷ A Hemeroteca da Biblioteca Nacional não possui digitalizados os acervos dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*.

foram encontradas doze ocorrências, tratando de entidades de defesa de direitos dos homossexuais na Holanda e na Inglaterra: para os do Rio de Janeiro, três ocorrências no jornal *Luta Democrática*; duas no *Correio da Manhã*, no *Diário de Notícias* e no *O Jornal*; e uma no *Jornal dos Sports*, *Tribuna da Imprensa* e no *Jornal do Comércio*. Para São Paulo, uma no *Diário da Noite*, de SP; e em Pernambuco, uma no *Diário de Pernambuco*. O *Diário da Noite* noticia em caixa alta e em negrito um “Congresso de homossexuais na Holanda”, informando que “A Associação dos Homossexuais holandeses, centro de cultura e estudo”, estava comemorando o seu 15º aniversário. Criada em 1946, possuía “3.900 membros, dos quais muitos são mulheres [...] A Associação [...] tem numerosos contactos no estrangeiro e por sua iniciativa, foi criado o ‘International Comitê Sexual Equality’ [Comitê International pour l’Egalité Sexuelle, cf. *Revue Arcadie*, n. 7-8, juillet-août, 1954, p. 2], que reúne 25 associações de homossexuais do mundo todo” (*Diário da Noite*, 06/10/1961, p. 7). O *Diário de Pernambuco* informa que essa mesma associação ingressara perante a Comissão das Nações Unidas para os direitos do homem, solicitando “um exame sem preconceitos, da sorte desta desgraçada minoria”, de modo a que “sejam considerados seres humanos normais que, contudo, externam suas paixões de maneira distinta” (*Diário de Pernambuco*, 16/10/1966, 3º Cad., p. 3). Para “Congresso de Homossexuais” foi encontrada apenas uma ocorrência para o Rio de Janeiro, de um total de oitenta acervos. A notícia informa a prisão de oito homens em um apartamento no centro de Niterói, que estavam realizando “uma reunião preparatória para o I Congresso de Homossexuais de Niterói”, um deles declarando ter vindo de São Paulo especialmente para a reunião. Isso cinco meses após a vigência do AI-5, em 7 de maio de 1969 (“Presos oito no I Congresso de Anormais no Estado do Rio”, *Diário de Notícias*, 1ª seção, p. 11).

Para o mesmo decênio (1960-1969), com o termo “homossexuais”, foram encontradas 195 ocorrências no *Jornal do Brasil*. Dos assuntos tratados, destacam-se as seguintes notícias:

a) sobre a marcante subcultura homossexual em Copacabana:

- “proliferam por toda parte e em todos ambientes sociais...”, 23/02/1964, Cad. B, p. 8;

- “a frequência do Sun Set tem exclusividade de homossexuais (ambos os sexos), funcionando como autêntico reduto...”, 15/02/1967, Cad. B, p. 6);

b) sobre a luta pela descriminalização da homossexualidade na Grã Bretanha:

- sob o título “Sugestões Britânicas para o Coronel Fontenele”, o texto traz longo e detalhado histórico: a referência à decisão de 1954 do “Comitê Wolfenden” de recomendar a descriminalização das relações sexuais consentidas entre adultos e em local privado, que “encontrou

larga receptividade, inclusive das organizações religiosas, com exceção da Igreja da Escócia e do Exército da Salvação”, sendo afinal derrotada, e a aprovação da flexibilização, ao atribuir ao promotor público a autoridade para que a polícia inicie inquéritos nos casos de práticas consentidas entre adultos e em local privado (*JB*, 02/08/1964, Cad. B, p. 15);

- “Lordes fazem defesa de homossexuais”, sobre o projeto pela descriminalização, “que recebeu felicitações dos Arcebispos de Canterbury e York” ... e manifestaram seu apoio, em nome dos conservadores (*JB*, 13/05/1965, 1º Cad., p. 14);

- “Projeto que extingue crime de homossexualismo entre ingleses passa nos Comuns” (*JB*, 12/02/1966, 1º Cad., p. 8);

c) as declarações do vigário episcopal de São Francisco, Robert W. Cromey, a favor do relacionamento entre pessoas do mesmo sexo (“[...] Se duas pessoas do mesmo sexo se amam, se têm uma relação responsável entre si, têm a obrigação de expressar êste amor em qualquer lugar que julguem apropriado.”, *JB*, 23/02/1967, Cad. B, p. 6);

d) a abertura do *Clube do Sexo* em Utrecht, Holanda, onde “mensalmente há duas conferências de especialistas em educação, para esclarecer os jovens...” (Coluna de Léa Maria, Marina Colasanti [sic] e Carlos Leonan, *JB*, 21/10/1967, Cad. B, p. 3);

e) os bailes carnavalescos da Boate Elite, no Centro do Rio de Janeiro, “frequentados quase que exclusivamente por homossexuais, em sua maioria jovens entre 18, 23 e 24 anos, que se divertem gloriosamente, sem maiores excessos, sem brigas e sem escândalos para o público” (*JB*, 17/10/1967, Cartas dos Leitores, 1º Cad., p. 6);

f) a maneira como a Suécia trata a questão sexual (sob o título “Uma revolução de base”, informa que “essa maneira é apresentada no livro, editado pela Bloch Editores, sob o título ‘A Revolução do Sexo’”, onde “A União Nacional para a Igualdade Sexual agrupa os homossexuais, homens e mulheres”, e defende um ponto de vista bastante avançado, *JB*, 31/07/1966, Cad. B, s/n.).

Também merecem destaque os lançamentos de livros e a encenação de peças tratando do tema, dada a grande popularidade alcançada:

- o livro *As cidades da noite* (*City of Night*), de John Rechy, que mostra “como vivem isoladamente ou em grupo, os homossexuais nas principais cidades dos Estados Unidos”, figura entre os *best-sellers* estrangeiros em seis dias de março de 1965 (*JB*, 10, 11, 12, 14, 16, 17 e 18/03/1965, Cad. B, p. 7, 9, 11);

- a notícia do lançamento da segunda edição de *Homossexualismo e delinquência*, de Luís Ângelo Dourado, pela Zahar, informa que “a primeira edição [de 1963] esgotou-se em poucos

meses” (*JB*, 07/07/1967, Cad. B, p. 3);

- e as repercussões, na Inglaterra, do romance estadunidense *The Naked Lunch*, de William Burroughs, em coluna de Fernando Sabino (*JB*, 18/03/1965, Cad. B, p. 4 e repetida em 07/06/1966, p. 4, mesmo caderno).

- O lançamento do livro *Giovanni*, de James Baldwin, é anunciado pelo *Jornal do Brasil* em 27 de julho de 1967 (Cad. B, p. 2) como “uma história de homossexuais, na qual o autor penetra a fundo nas intimidades do homem”. O texto informa que o livro mereceu uma apresentação (*orelha*) de Paulo Francis, jornalista conceituado à época. A novela do ativista negro pelos direitos civis foi tão bem recebida pelo público que logo no ano seguinte mereceu uma segunda edição. Ela integrou a Biblioteca do Leitor Moderno (volume 89), da editora Civilização Brasileira.

- A peça *Queridinho*, do inglês Charles Dyer, em cartaz no teatro Princesa Isabel, com Sérgio Viotti (que também é o tradutor) e Jardel Filho, representando barbeiros homossexuais, mereceu uma récita especial, na abertura da entrega dos prêmios Molière e ficou um longo tempo em cartaz, sendo anunciada desde os ensaios (*JB*, 08/06/1967, Cad. B, p. 4). Em 6 de julho de 1967, na coluna Léa Maria, sob o título “Plateia Pitoresca”, é noticiado que a mesma “está atraindo uma plateia diária quase que exclusivamente masculina”, o que se mostra altamente revelador (*JB*, 06/07/1967, Cad. B, p. 3). Em 11 de julho de 1967 (*JB*, Cad. B, p. 2), o espetáculo merece alentado comentário na coluna de Yan Michalski, consagrado crítico de teatro. Ela figura nos *tijolinhos* da programação teatral até 16 de outubro de 1967, com sessões de quarta-feira a domingo.

Esse era o cenário cultural sobre a homossexualidade nos anos de 1960. Possivelmente, os protagonistas da imprensa artesanal gay tiveram acesso a várias dessas informações, veiculadas na imprensa comercial, nacional e regional, sendo por elas influenciados de maneiras distintas⁸. No entanto, mais do que apontar a possibilidade real de terem sido diretamente tocados por manifestações como essas, trazer aqui os achados de James Green, Luiz Morando e as ocorrências verificadas na Hemeroteca da Biblioteca Nacional tem o propósito de: 1) reiterar a afirmativa de James Green, de que na década de 1960, a noção da homossexualidade como doença, imoralidade ou crime estava em contestação, na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil, assim como a identidade e a estruturação das práticas homossexuais masculinas estava em transformação; 2) apresentar vários dos registros disponíveis, na década de 1960, sobre a construção da consciência política dos homossexuais enquanto minoria alvo de processos de estigmatização.

⁸ O número 1 do jornal *Baby* fez referência à organização dos homossexuais na Holanda, como veremos mais adiante. A travesti soteropolitana Daniele, entrevistada em 1972, por ocasião da tentativa frustrada de realização do Congresso de Homossexuais em Caruaru (PE), organizado pela Igreja Ortodoxa, cita o livro *Giovanni*, de James Baldwin, entre outros exemplos de literatura disponível sobre a temática (RODRIGUES, 2012).

Em fevereiro de 1969, em Salvador, é lançado, por Waldeilton di Paula, o jornal *Baby*. Na página 2 do número 1, o editorial se dirige aos leitores por meio da metáfora do “bebê”, destacando as fragilidades inerentes às novas iniciativas. O editor atribui à inexperiência a reconfiguração da proposta de ser “como um lampião iluminando os caminhos”: prefere se afirmar “como um vagalume” – o que vejo como parte da tendência a subvalorizar suas ações, verificáveis em diversos atores desse campo, denotando introjeção da visão desacreditada (GOFFMAN, 1988, p. 41). Apesar disso, a metáfora constitui também uma forma de iluminar. O foco luminoso, mesmo pequeno e intermitente, é tão mais potente quanto mais escura é a noite, com a vantagem de ir a toda parte. E em coletivo. E, assim, irmanado, pede “a bênção das madrinhas-revistas SNOB, GAY-SOÇAITE, LE FEMME, SUBÚRBIO À NOITE e o meu primo FELINOS”. A apresentação é concluída com a frase: “O objetivo da vida é o desenvolvimento da própria personalidade”. Passível de ser traduzido como: o objetivo da vida é o desenvolvimento da autoconsciência e, por extensão, da consciência política, o que não se alcança senão em comunidade, isto é, em relação e de forma processual.

Na página 6, é comentada a reportagem da revista *Veja* sobre a organização dos homossexuais na Holanda: “muito curiosa e interessante”. No pé da página, a legenda em caixa-alta novamente documenta a interação entre esses coletivos: “Leiam o Snob – pioneiro do jornalismo entendido no Brasil”⁹. Na página 4, outro registro da valorização da subcultura, trazendo uma tipologia prestigiosa dos modos de ser “boneca”, seguida de atributos valorizados por Oscar Wilde. Trechos de obras de Wilde positivando a beleza e a espirtuosidade no trato social pontuam a publicação.

Na página 5, há o texto “O que é o homem afinal?”, assinado por “Tossa”. Traz críticas à masculinidade hegemônica que ganharão foro acadêmico apenas três décadas após. Tossa problematiza os seus modos de atribuição de sentido e a estruturação social marcada pela dupla moral (seria o homem “a coerência entre a psiquê e a constelação ambiente ou a observância de conceitos pré-estabelecidos, frente a uma sociedade de aparências?”). Destaca sua construção cultural, a violência intrínseca, bem como a autodisciplina para a sua manutenção (“Diria que para chegar a essa coerência, já um cabedal de sofrimentos-montagem integra a paciente auto-vigilância, que comporá a nossa escultura definitiva, a qual apelidarei de ser amadurecido”). Essa “paciente auto-vigilância” que ele denuncia inerente à construção da masculinidade (o rigoroso autocontrole de gestos, enunciação vocal e postura física, numa governança incessante), também está presente na

⁹ Termo nativo da subcultura no Brasil, América Latina e Espanha, para referir-se a homossexual de ambos os sexos, também utilizado como palavra-código (RODRIGUES, 2015, p. 193-196).

gestão da imagem pública, para ocultar os traços desacreditados da homossexualidade (GOFFMAN, 1975 [1959]; 1988 [1963]). “Diria que para chegar a essa coerência, já um cabedal de sofrimentos-montagem integra a paciente auto-vigilância, que comporá a nossa escultura definitiva, a qual apelidarei de ser amadurecido)”.

A estruturação binária e hierárquica do gênero e a heterossexualidade compulsória pareciam levar muitas pessoas que reconheciam em si o desejo homossexual a se identificar com o gênero oposto àquele que lhe foi designado ao nascer, como se apenas nesse binarismo pudessem vivenciar os seus desejos. A frequência no esforço de reproduzir o padrão hegemônico levou alguns estudiosos a pontificar sobre a existência de uma categoria diferenciada, os “invertidos” ou “terceiro sexo” (BARBO, 2017, p. 72-78). A popularização dessa proposição, apresentada e recepcionada como científica, influenciava a autopercepção desses agentes, o que, por sua vez, reforçava a “verdade” dessas proposições teóricas, num processo retroalimentador. Vestígio dessa assimilação pode ser visto, entre outros, no nome do terceiro boletim publicado pelo coletivo Turma OK (TOK), o *Terceira Força*, de 1963, produto da fusão de *O Taradinho* e *Glamour*, que se torna o informativo das atividades da TOK e precursor do *Okeizinho* (COSTA, 2010).

Quatro meses depois de publicado o texto de Tossa no *Baby*, Hélio Fonseca, que, com Agildo Guimarães e Anuah Farah, editava o *Snob* (1963-1969), em sua última edição (junho de 1969), mostra-se tocado pelas discussões sobre os modos de ser homossexual. Ele troca o pseudônimo feminino (Pantera Rosa) para Gato Preto, problematiza a estruturação das práticas sexuais e de gênero vigente no interior da subcultura e vê as paródias como desqualificadoras dos homossexuais (FONSECA, 1969, p. 16). O processo de transformação da identidade homossexual masculina e da estruturação de suas práticas sexuais parece ocorrer, nesses periódicos artesanais disponíveis, aproximadamente, a partir de meados de 1963, intensificando-se a partir de 1965. Ele pode ser verificado em vários periódicos desse acervo (*Snob*, *Baby*, *Gente Gay*, *Aliança dos Ativistas Homossexuais...*). Integra esse processo o desenvolvimento da consciência política, como se observa também por meio das transcrições realizadas por Costa de trechos do número 1 de *Snob*, constantes da edição retrospectiva de 1969:

A fase é de politizar culturalmente. [...] o que nos leva a todos nessa projeção é um ideal comum de humanos a mostrar que nos insurgimos contra uma marginalização que procuram nos impor [...] (*Snob*, nº 1, 1969 *apud* COSTA, 2010, p. 48¹⁰); [...] haveremos despertado da terrível ilusão em que vivíamos, para uma realidade adulta interplanetária: não temos nada que ver com quem queira viver com o mesmo pensamento de há vinte anos” (*Snob*, nº 2, 1969, *apud* COSTA, 2010, p. 60; 55-74, 119); [...] não aceitarmos mais o homossexualismo como uma caricatura do

¹⁰ Recorde-se que o primeiro número foi originalmente editado em 1963; esta é uma edição retrospectiva.

feminino, porque estamos conscientes que isto não passa de uma falta de informações e a necessidade de uma melhor conscientização (sic. *Snob*, n. 2, 1969 *apud* COSTA, 2010, p. 73).

Em março de 1969, quando o AI-5 já se encontrava em vigor, Agildo Guimarães publicou texto no mesmo *Snob*, intitulado “Protesto”, no qual era imaginada uma manifestação massiva em Brasília, reivindicando “direitos civis da boneca brasileira”, com faixas em letras góticas, com os dizeres: “Abaixo Padilha – Viva Rogéria!”; “Proibição para Promiscuidade de Sexo entre Homens e Mulheres”; “Nas Festas do Itamarati, queremos ir de Travesti” (FIGARI, 2007, p. 407-408). Edward MacRae (2018 [1986], p. 137-139) e James Green (2000 [1999], p. 306-307) comentaram essas transformações nas identidades e nas práticas sexuais. Eles, entretanto, não reconhecem esse processo como integrante do Movimento Homossexual. Os pesquisadores que se seguiram repetiram o mesmo entendimento.

Segundo Costa (2010), essas novas concepções presentes nesses periódicos foram influenciadas por dois livros: o romance *A vida na pele*, de Vera Mogilka, e *A revolta dos homossexuais*, de Norman Winski. Este último será também uma das influências citadas pela travesti, maquiadora, autora e atriz de teatro soteropolitana Daniele, em 1972, quando de sua entrevista comentando o proibido Congresso de Homossexuais, programado para ocorrer em Caruaru no mesmo ano. Ali, inclusive, Daniele apresentou uma agenda que os movimentos LGBT apenas conseguiram formular entre 2004 e 2011, com o Programa Brasil sem Homofobia e as Conferências Nacionais de Políticas Públicas para pessoas LGBT (2008 e 2011), cujas proposições ainda hoje não foram implementadas em sua maioria: inserção da educação sexual nas escolas; programas de acolhimento aos que foram expulsos de casa; programas de assistência social, com serviços médicos e psicológicos; programas de inserção no mercado de trabalho.

Waldeilton di Paula, em fins dos anos de 1970, na entrevista que concedeu a Peter Fry (citada por ele no *Lampião*, em 1978), porém, parecia não se recordar dessas problematizações e mudanças de fins da década anterior (Di Paula *apud* FRY, 1978, p. 4). Outro que parece também não se recordar desses questionamentos precursores na imprensa artesanal “entendida” é Agildo Guimarães, quando de sua entrevista para James Green, em 1994: “Antes, era tudo bicha e bofe. Depois a gente começou a descobrir que podia transar outro homem e fazer o papel ativo. Não tinha que ser bicha na cama. Nos anos 70 mudou muita coisa” (GUIMARÃES, 1994 *apud* GREEN, 2000 [1999], p. 426 e 446, nota 109). Os pesquisadores, contudo, não problematizaram essa visão inferiorizada, presente nas memórias dos protagonistas da imprensa artesanal gay.

Frederico Jorge Dantas e Agildo Guimarães têm o seu trabalho com os periódicos gays artesanais reconhecido pelo *Lampião* nos números zero e um. No número um, como resposta à carta de Guimarães, elogiando o lançamento e dizendo-se contemplado, pois era o tipo de periódico que desejava produzir, *Lampião* responde reconhecendo que as condições para o seu surgimento foram dadas pelas publicações artesanais de Guimarães. E acrescenta que ele seria “pedido emprestado” ao *Gente Gay* de vez em quando para participar de *Lampião* – o que não ocorreu (GUIMARÃES, 1978, p. 14). Editor de vários periódicos artesanais no Rio de Janeiro, Guimarães mantinha contato com coletivos diversos (MÍCCOLIS, 1980, p. 6-7).

Leila Míccolis fala do reconhecimento conquistado por Agildo Guimarães nessas redes da imprensa artesanal, inclusive de outros estados. Anuah Farah, seu parceiro de iniciativas, o trata como “líder nacional”, “mito” e idealizador da Associação Brasileira de Imprensa Gay, a ABIG, mencionada por MacRae (2018 [1986], p. 139). No entanto, Guimarães apenas foi entrevistado no número 28 de *Lampião*, em 1980, junto com Anuah Farah. Conduzida apenas por Leila Míccolis e “Marcelo, do Auê”, a entrevista não teve a participação de membro do Conselho Editorial ou de jornalista, como costumeiro (MÍCCOLIS, 1980, p. 6).¹¹

Os escritos de Frederico Jorge Dantas, tanto no *Gente Gay* (1976) quanto nos periódicos de sua produção, um deles o *Aliança de ativistas homossexuais* (1977), são outra fonte de que a disputa de significados da homossexualidade, a construção da consciência política, da identidade coletiva, a constituição do “movimento homossexual”, enfim, estavam em curso antes do Grupo Somos/SP. A importância de Frederico infere-se, também, por estar na edição inaugural do jornal que colocará o ativismo, a imprensa gay e a consciência política dos homossexuais em outro patamar; pela apresentação feita pelos editores de *Lampião* e pelo conteúdo do seu texto (*Lampião*, n. 0, abr. 1978), além de suas conexões com o movimento internacional (INSAUSTI; FERNÁNDEZ GALEANO, 2020). É sintomático ele não ser mencionado por nenhum dos pesquisadores que estabeleceram a ideia desqualificadora sobre a imprensa artesanal gay; seus boletins sequer aparecem na lista elaborada por James Green (2000 [1999], p. 325, nota 115).

Os modos de aparição de Frederico, Agildo e Anuah, no *Lampião*, parecem apontar para qual das propostas editoriais em disputa estava sendo recepcionada. Posicionado em página ímpar (de melhor visualização pelos leitores) e ocupando coluna e meia, sob o título “Qual é a da nossa imprensa?”, o texto de Frederico é antecedido por breve apresentação, sem assinatura, possivelmente do editor do Rio de Janeiro, Aguinaldo Silva. Dantas é retratado como “a primeira

¹¹ O Auê era um grupo de militância dissidente do Somos/RJ.

pessoa a tentar impor um novo conceito à chamada ‘imprensa homossexual’ – até aqui limitada a um pastiche do colunismo social exercido na grande imprensa”, encontrando “barreiras praticamente intransponíveis, quase todas erguidas pelas pessoas a quem ele dirigia o seu boletim, *Eros*” (*Lampião*, n. 0, abr. 1978). Não há informação sobre sua idade, estado da federação a partir de onde atua, formação profissional, detalhes sobre os periódicos que editou e as proposições dos seus textos. Ele aparece como responsável por dois jornais: *Eros*, com 150 leitores, descrito como produzido “dentro de um padrão ainda informal”, sem menção à data ou ao processo de produção; e *Entender*, sem outras informações, além de que o seu lançamento provocou “um sério colapso na estrutura daqueles ‘cadernos’ onde a pauta central é o ‘colunismo social’, ao mesmo tempo que gerou um estado de esperança nos que cogitam a realidade de uma homossexualidade despida do fetichismo sexual que ainda é a razão da nossa existência para os menos esclarecidos”¹². Não há menção à *Aliança de Ativistas Homossexuais*, referida por Mícolis em 1980.

Se o texto de Frederico não fala do *Aliança de Ativistas Homossexuais*, o mesmo não ocorre sobre o seu projeto político. Ele diz que começou “fazendo pesquisas sobre comportamento sexual”, procurando “abrir espaços destinados a pessoas que se irmanem no sentido de formar uma pequena escola, visando com isto à formação de um grupo consciente e interessado no que mais tarde poderá vir a ser o Movimento de Libertação Homossexual”, mas não diz quais periódicos publicaram os seus textos, alguns dos quais o *Gente Gay*. Contrapondo “a bicha atual” a “um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual”, Frederico propõe que “a nova geração de homossexuais” se empenhe na construção de “um modelo de identidade a ser aceito pela sociedade”, abandonando o estilo “deslumbradas”¹³. Frederico também fala do antagonismo desencadeado pela sua proposta, vendo nisso a ausência de “irmandade e auxílio mútuo”, necessários à luta, para ele. Reconhece, contudo, ser parte do processo, “reflexo exato” da percepção da época sobre homossexualidade.

Frederico Jorge Dantas era do Rio de Janeiro, residente na rua Jardim Botânico, e flamenguista. Além de sua militância homossexual, gostava de enviar cartas ao jornal, discutindo futebol (*Jornal dos Sports*, 30/06/77, p. 2; 12/07/77, p. 2; 18/10/78, p. 2). Nas páginas do *Aliança*

¹² Cf. DANTAS, 1977. Leila Mícolis referencia Frederico como responsável tanto pelo *Eros* quanto pelo periódico *Aliança de Ativistas Homossexuais*, mas não cita o *Entender*. Em seu catálogo, porém, na página 37, é mencionado um *Entender – Jornal Gay*, editado em São Paulo por J.R.M., tendo como “consultor científico” o professor e psicanalista Messias Bacco. O número 5 é datado de dezembro de 1977. James Green não cita nenhum dos três. (MÍCOLIS, 1980, p. 7; 1986, p. 37; GREEN 2000 [1999], nota 115, p. 325)

¹³ Essa proposta assimilacionista também se vê em vários grupos de ativismo dos EUA, como por exemplo o Filhas de Bilitis, de 1955, e o Mattachine Society, com sua guinada conservadora após 1953 (SILVA, 2008). Na França, a revista *Arcadie* igualmente defendia a mesma perspectiva e, por meio dos anúncios em suas páginas, parece que linha semelhante era adotada pelo jornal *One*, de Los Angeles, EUA.

de *Ativistas Homossexuais*, datilografado em papel A-4, frente, variando entre oito e onze páginas (n. 2 e 3, s/ data), encontram-se comentários sobre livros, a homossexualidade perante os discursos especialistas, o movimento nos Estados Unidos e Inglaterra. Divulga *Gente Gay* e *Entender*; elogia o trabalho de Celso Curi (Coluna do Meio) e de Glorinha Pereira (*Correio de Copacabana*), Agildo B. Guimarães (*Gente Gay*), Darcy Penteado, Aguinaldo Silva, Paulo Augusto (*Aliança...*, ano 2, n. 3, p. 3). Ele esclarece:

Iniciamos um Movimento de esclarecimento que tem como meta o melhor entendimento e aproveitamento de todo esse manancial de forças positivas, até agora mal distribuídas entre as várias classes de homossexuais. Se conseguirmos canalizar todo o esforço existente voltado no sentido de um compromisso maior e mais responsável para com a sociedade, acreditamos já ser isto de grande importância à nossa causa, especialmente na luta pelos direitos civis em que estão empenhados não somente os homossexuais brasileiros, mas de maneira ainda mais atuante, os homossexuais de todos os países onde a consciência humana já tem maior abertura, mais maturidade cultural e psicológica, como também maior desenvolvimento. (*Aliança...*, ano 1, n. 2, p. 2)

Em nosso movimento nos dirigimos aos homossexuais que são adeptos do comportamento normal em nosso cotidiano. Os travestis e os transexuais diferem totalmente de nosso ‘modus vivendi’ e por justa razão não os incluímos em nossas pesquisas. (*Aliança...*, ano 1, n. 2, p. 4)

A presença de Frederico no número zero de *Lampião* espelha, além das disputas de identidade e da estruturação das práticas sexuais, a disputa de projetos para o ativismo, para a imprensa homossexual e para o próprio *Lampião*¹⁴. Tais disputas reaparecem no número 2 de *Lampião* (jun.-jul. 1978), na seção de cartas, à página 14. José Alcides Ferreira responde a Frederico Jorge Dantas. Cita extintos o *Mundo Gay*, *Entender* e *Gente Gay*; critica o conteúdo daquelas publicações (os roteiros, o colunismo social). Percebe-se, no texto de Alcides, forte antagonismo em relação às afeminadas e travestis, o que vê também no *Aliança de Ativistas Homossexuais*. Esse, aliás, seria, segundo Alcides, o grande erro do *Gente Gay* – trazer e buscar apoio das bichas e travestis –, embora destaque que esse periódico trouxe “animação” à subcultura. Alcides ainda contrapõe, de um lado, as bichas e as travestis, que comporiam “a bichórdia”, isto é, as párias entre os párias, e, de outro, “as mariconas, ou seja, nós homossexuais que somos homens normais e nos relacionamos como seres humanos sem necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos”. Alcides vê a rede de relações formada por esses periódicos, em vários estados, como “uma camarilha machista que só consegue se impor através do ridículo, da vulgaridade e do **beautiful people** indigesto do Sr. Anuar Farah e Cia. Ltda”

¹⁴ As diversas concepções editoriais para o jornal podem ser examinadas, por exemplo, em RODRIGUES, 2010.

(negritos no original. Nome da coluna de Anuah).

Peter Fry responde a Alcides defendendo as iniciativas de Di Paula. Reconhecendo que sociedades machistas tendem a reproduzi-lo nas suas produções culturais, Fry ressalta que a divisão “entre **bichas e homens** diz muito a respeito da dominação dos homens sobre as mulheres na cama e na vida cotidiana”. Acha preconceituosa e cruel a desqualificação do trabalho “de um verdadeiro pioneiro como Waldeílton di Paula, responsável pelos jornais **Fotos e Fofocas, Baby, Zéfiro, Little Darling e Ello** ao longo dos últimos 16 anos”¹⁵ (*Lampião*, n. 4, ago.-set. 1978, p. 4, negritos no original). Antropólogo e coeditor de *Lampião*, Fry destaca a riqueza de dados sobre a subcultura, acumulada naqueles boletins, que conheceu na residência do seu editor. Também destaca a sua importância para a própria “libertação” dos homossexuais. Observa, ainda, que as transformações nos periódicos produzidos por Di Paula desde 1962 espelham as mudanças na subcultura que “levaram à possibilidade de se lançar LAMPIÃO”. Peter chama atenção, portanto, para o caráter processual das mudanças e o quanto tributário é *Lampião* dessas experiências anteriores – aspectos que a literatura acadêmica tem desconsiderado.

Fry traz uma minibiografia de Di Paula: bancário, nasceu em 1942, em Alagoinhas, cidade a 108 quilômetros de Salvador, para onde foi aos 13 anos de idade, trabalhando como bancário. No número 3 do *Gente Gay*, Bianca Marie (Anuah Farah) traz mais informações sobre ele (15/02/1977, p. 15-16): poeta e cronista premiado, ator de teatro, cenógrafo, autor e diretor; artista plástico com várias exposições, individuais e coletivas, com “quadros em pinacotecas internacionais” e tendo participado de duas bienais regionais em Salvador, entre outras atividades. Além dos boletins citados, Di Paula também editou *Top Less, O Coruja e Pimentinha*, ao que parece, dirigidos a bancários, e apresentou, por um ano (1967), o programa Clube dos Cronistas na rádio Bahia.

Fry destaca que a gestão pública da estigmatização cerceia as formas de viver, aumentando a importância dos “vínculos” (“turmas” ou “grupos”). Estes se constituíam a partir dos eventos promovidos – nos apartamentos de alguns dos integrantes ou mesmo ao ar livre, semelhante aos achados de Fábio Barbosa da Silva (2005 [1960]) para o coletivo de classe média e intelectual da década de 1950 em São Paulo; e aos de Green (2000 [1999], Costa (2010) e Soliva (2012) para os de classe média do Rio de Janeiro. Waldeílton menciona em Salvador alguns coletivos bastante fechados e nem todos produtores de boletins, dos quais apenas cita os nomes - “tais como os VIDs (Very Important Dolls), Carimbós e os Intocáveis” -, sem se referir em torno de qual ou quais

¹⁵ Negritos no original. Na entrevista feita por Leila Míccolis com Anuah Farah e Agildo Guimarães, o nome do jornal soteropolitano aparece grafado como *Fatos e Fofocas*, uma possível alusão ao semanário de circulação nacional *Fatos e Fotos*, editado pela Bloch Editores a partir de janeiro de 1961 (MÍCCOLIS, 1980, p. 6-7). No número 3 do *Gente Gay* (15/02/1977, p. 15), porém, ele é grafado como *Fotos e Fofocas*.

vetores de identificação estavam organizados.

O antropólogo informa ainda que o primeiro periódico produzido por Waldeílton (o *Fotos e Fofocas*, 1962) tinha a forma de um mural, com desenhos em lápis de cor (que eles chamavam de fotos), de autoria de Di Paula (“o primeiro jornal a cores do país”, segundo esse). Quinzenal, manuscrito, de exemplar único, retornava ao editor após circular. Dada a boa aceitação, Di Paula partiu para o formato de jornal (tabloide? com exemplares?). O modo de retratar os membros da turma se assemelhava ao do *Snob* (MÍCCOLIS, 1980; COSTA, 2010; GREEN, 2000 [1999]). *Fotos e Fofocas* durou até 1967, substituído por *Zéfiro*, datilografado. Em 1969, Di Paula criou o *Baby*, também datilografado, com cinquenta exemplares, fotocopiados. Em 1970, veio o *Little Darling*, depois nomeado *Ello*. Para Di Paula, *Ello* era “bastante profissional”. Com tiragem de cem exemplares, trazia maior diversidade temática: a coluna de fofocas, críticas de teatro e cinema, informações sobre “o mundo artístico”, informes gerais e notícias da subcultura além Bahia e do exterior; a coluna social da subcultura carioca, de Anuah Farah; e, em outra seção, os leitores falavam de suas primeiras experiências sexuais. Após *Ello*, o intercâmbio segue, através do *Little Darling* (de Waldeílton di Paula) e *Tiraninho* (de Orlando Andrade), como demonstram as visitas recíprocas e as colunas sociais: enquanto *Little Darling* traz coluna com notícias da subcultura carioca, *Gente Gay* apresenta “Bahia Gay”, assinada por Di Paula. Além do trabalho de conscientização, eles precisavam manter e ampliar os leitores que, segundo Guimarães, estariam majoritariamente interessados “em coisas mais digestivas” (*Gente Gay*, 31/01/1977, n. 2, p. 13).

No número oito do *Gente Gay* (30/07/1977), à página 12, temos “A batalha pelos direitos gay” (sic), tradução de reportagem da revista *Newsweek*, de 6 de junho do mesmo ano, efetuada por José Rodrigues; e, na página 13, “Comportamento homossexual”, de Frederico Jorge Dantas. O primeiro ocupa toda a página, sem imagens, em espaço um e em *pitch* 12 (condensado). O texto traz algumas das conquistas do movimento gay estadunidense.

O texto de Frederico ocupa as páginas 13-15, também em espaço um, mas com *pitch* 10. É um manifesto pela luta contra o preconceito e a discriminação. Traz visões atualizadas da Psicologia, da Psicanálise e da Medicina estadunidenses, citando autores (inclusive Freud), trabalhos e instituições com visões integrativas e fora da anterior noção de enfermidade. Também menciona organizações do movimento gay estadunidense, como Albany Trust e a Frente de Liberação Gay. E conclama: “É hora de se ir para as ruas e lutar em prol de nossos ideais [...] Vamos emergir das cinzas que nos jogaram por tanto tempo” (DANTAS, 1977, p. 13-15).

A presença, nesses periódicos, de textos de especialistas sobre a homossexualidade denota a

busca pela compreensão da própria diferença, marcada por séculos de noções estigmatizadoras profundamente sedimentadas. Sendo discursos de verdade (FOUCAULT, 2002 [1966]; 2001 [1971]), é compreensível que buscassem o entendimento acerca de seu desejo dissidente – característica presente também nas publicações homófilas internacionais.

A revista *Arcadie*, periódico francês juridicamente registrado e impresso industrialmente, publicado com a média de 65 páginas, exclusivamente de texto, com raros desenhos, algumas propagandas e mancha gráfica de 16,5 x 9,5 cm, do número 7-8 (jul.-ago. 1954) ao 108 (dez. 1962), trazia, em todos os seus números, textos sobre psicologia, psicanálise, sexologia, além dos modos que a questão era tratada pelo sistema legal de diversos países da Europa. Essa frequência se reduzirá significativamente em 1959, 1961 e 1962. Ela também publicava relação de “obras científicas e históricas” sobre a homossexualidade (*Arcadie*, jun. 1961, n. 78, p. 390, lista 22 títulos).

A revista estadunidense *One*, autorreferida como “organização cultural, educativa e social”, anunciava nas páginas da *Arcadie* “artigos filosóficos e científicos, histórias, poemas, ilustrações” (*Arcadie*, abr. 1960, n. 76, p. 262). *Mattachine*, outra revista homossexual estadunidense anunciada nas páginas da *Arcadie*, seguia o padrão: “apresenta todos os problemas humanos e particularmente o da homofilia, sob seus aspectos legal, médico, social, religioso e cultural” (*Arcadie*, jan. 1961, n. 85, p. 35). Mais adiante, através do trabalho de Jorge Caê Rodrigues, veremos mais detalhes sobre como o movimento gay estadunidense também buscava legitimação através dos discursos dos especialistas.

O uso de colunas sociais, com fofocas, sátiras e valorização dos traços da subcultura homossexual, também é encontrado em *Lampião*. O jornalista Carlos Humberto Ferreira Júnior, analisando *O Centauro* (1968, dirigido por Anita Chambareilly), outro dos artesanais, esclarece que as colunas sociais ou de mexericos estão no jornalismo desde 1920, nos Estados Unidos. E estavam também nos “grandes jornais [nacionais], comuns à época” (FERREIRA JÚNIOR, 2022, p. 6). Os artífices da imprensa alternativa “entendida” mimetizam, assim, o jornalismo profissional, prossegue Ferreira Júnior. Por outro lado, a prática da “fofoca” e dos “estereótipos usados como xingamento” nessas colunas cumpre função agregadora, assim como o “estereótipo da ‘vida intendida’ (*sic*)” valoriza a subcultura, atuando como estruturantes da identidade coletiva (FERREIRA JÚNIOR, 2022, p. 6-10).

Não há carta náutica, como se vê. Eles aprendem no curso do processo, sem disporem de discurso ou itinerário político previamente constituídos. Mas precisam, primeiro, superar as marcas

da introjeção da desqualificação num país sob regime ditatorial, numa sociedade que lhes é hipocritamente adversa, autoritária, violenta, de poucos leitores, baixos números de produção editorial, com escassa vivência democrática e parca produção de capital cívico¹⁶. Alguns de seus integrantes mantêm contato com ativistas e publicações internacionais, como Frederico Dantas (INSAUSTI; FERNÁNDEZ GALEANO, 2020).

Leila Mícolis, ex-integrante dos grupos Somos/RJ e Auê, em seu ensaio sobre o movimento, chamou atenção para o desafio subjetivo implicado nesse processo, que viveu já nos anos finais da década de 1970. Desafio que ilustrou com trecho do manifesto do Somos/SP, publicado no *Lampião da Esquina* um ano após a constituição do grupo (MÍCOLIS, 1983, p. 98). O parágrafo, editado em negrito no *Lampião*, dá conta do grau de dificuldade enfrentado:

A coisa não foi fácil. Tivemos uma existência quase clandestina e muito conturbada. Imaginem um bando de pessoas freqüentemente com problemas básicos de aceitação pessoal, tentando encontrar o ponto comum para iniciar um diálogo sobre si mesmas. Tudo bastante dilacerado, de um lado. Muita dúvida porque tudo era novo [...]. De fato, não tínhamos nada pronto, nada de concreto para expor, nenhuma fórmula para mudar o mundo (*Lampião da Esquina*, maio 1979, n. 12, p. 2).

Darcy Penteado, em ensaio no número 19 de *Lampião*, em dezembro de 1979, reconhece tratar-se de uma (sub)cultura em formação (eu diria em transformação) e todas as suas manifestações, as mais simples e triviais, são atos políticos (PENTEADO, 1979, p. 9). Ainda mais por serem produzidas em condições adversas. Sem esquecer que o simples ato de viver o próprio desejo, pela carga de violência desferida, sobretudo por agentes do estado, é um ato político por excelência. Embora não tenha sido possível localizar no *Lampião* o último trecho dado por Jorge Caê Rodrigues como transcrição de Darcy Penteado (*apud* RODRIGUES, 2010, p. 71), o ensaio no jornal principia afirmando que “na segunda metade do século XX” as “minorias se conscientizam” (PENTEADO, 1979, p. 9). A partir daí, “preveem suas possibilidades de sobrevivência e participação social”; vão criando a própria cultura, “específica [...] desvinculada, sempre que necessário, dos moldes tradicionais do sistema”. “Não se pode diferenciar o fenômeno social do político”, destaca Penteado, segundo Rodrigues. Citando as pioneiras ações do movimento de mulheres (as famosas guarda-chuvadas nos porcos-chauvinistas em 1900), a organização dos negros estadunidenses e a dos homossexuais (cujas ações denota conhecer apenas a partir de 1964), Penteado chama a atenção para o caráter de processo que se desenvolve em duas esferas: individual

¹⁶ Acervo de vínculos participativos horizontais moldados através do compromisso, da confiança e da cooperação recíproca, visando ao bem coletivo. É também chamado capital social por estes autores: Putnam (2005) e D’Araujo (2003).

(consciência) e coletiva (identidade). Mais adiante, na última coluna do texto, em resposta à pergunta que formula sobre como “caminhar com nossos próprios passos e pelos nossos próprios caminhos”, Penteado diz textualmente:

[É uma] cultura nascente [...] A vivência minoritária é cultura latente, presente. Assim sendo, tanto contribuirão para uma cultura homossexual o ensaísta conscientizado [como] o artista que retrate aspectos desse cotidiano (*sic*), o entendido que não pretenda criar nada[,] mas que viva sua sexualidade cotidianamente, a bicha louca que dá **shows** na rua, a sapatona que distribui sopapos, o travesti-prostituto que leva porrada da polícia etc. Etc... (PENTEADO, 1979, p. 9).

Essa aguda percepção de Darcy Penteado sobre a importância da subcultura e espaços de sociabilidade para a constituição da identidade coletiva dos homossexuais também é destacada por vários editores e colaboradores das publicações artesanais brasileiras, nas muitas referências a bichas e bonecas, bem como entre alguns dos editores de *Lampião da Esquina* (no espaço que abrem às travestis, seja da prostituição, seja da indústria do entretenimento), e partilhada por pesquisadores. Dela comungam, por exemplo, os autores trazidos por Jorge Caê Rodrigues para subsidiar sua análise sobre os primeiros periódicos gays nos Estados Unidos, inclusive os artesanais. Mas, curiosamente, Caê não lê da mesma maneira as experiências semelhantes verificadas no Brasil. Após citar a experiência pioneira do *Vice-Versa*¹⁷, ele escreve: “Streitmatter e d’Emilio falam da importância dos primeiros periódicos para a vida dos gays e das lésbicas: ‘O feito mais importante foi que as revistas, de fato, falavam. Criavam um espaço nacional [...], uma arena na qual lésbicas e gays poderiam, pela primeira vez, falar um tom acima de um sussurro...’” E, em seguida, Jorge complementa: “D’Emilio atesta que ‘este esforço pioneiro de publicar revistas sobre a homossexualidade trouxe ao movimento gay [estadunidense] sua única vitória significativa durante os anos 1950’” (D’EMILIO; STREITMATTER *apud* RODRIGUES, 2010, p. 26).

Tratando dos periódicos da década de 1960, “impressos de forma industrial”, Caê destaca a culpa internalizada entre os ativistas estadunidenses. E conta que a publicação lançada pela Mattachine Society (*Mattachine Review*, 1955) buscava “soluções” para os “problemas” decorrentes da homossexualidade através da “medicina e/ou [d]a lei” (RODRIGUES, 2010, p. 27). Já a revista *One*, de 1953, mensal, impressa em *offset*, “sofisticada” e de grande circulação, “marco principal da imprensa gay nos Estados Unidos”, além dos “ensaios pessoais” que “dominavam a linha editorial da revista” e das “descrições de projetos de pesquisa pertinentes à comunidade gay e lésbica” e “artigos sobre a homossexualidade”, a revista também trazia “lista de livros recentemente

¹⁷ Um jornal datilografado, com tiragem de doze exemplares copiados a carbono, feito em 1947 na Califórnia por uma “jovem secretária” que assinava sob o pseudônimo de Lisa Ben – um anagrama de *lesbian*.

publicados e cartas do leitor” (RODRIGUES, 2010, p. 28). Ainda na década de 1960, sempre segundo Jorge Rodrigues, se verificaria a “segunda fase” desses periódicos. Nessa ele destaca a *Vector*, uma revista mensal, lançada em dezembro de 1964, que durou até 1976, fundada pela Sociedade para os Direitos Individuais. Em seu segundo ano, essa publicação se apresenta como um produto mais profissional, em duas cores, em papel *couché*. Tanto trazia “notícias sobre o progresso dos direitos dos gays”, quanto “entretenimento e fofoca, para garantir um apelo amplo” (grifo meu). Também traz “guia gay completo” (novembro de 1970) e, a partir de 1969, exibe fotos de nu frontal.

Mas, para Rodrigues (2010, p. 31), “a *Vector* expande o conceito de militância gay. Para a revista, qualquer evento que envolva abertamente a comunidade homossexual é uma ação social. Em outras palavras, a dança, a ida ao teatro ou ao boliche, os bares, os passeios nos parques públicos servem como declaração política”. Em seus editoriais, prossegue, “a preocupação em agradar o leitor é uma constante”. E transcreve um trecho do editorial de novembro de 1970: “Uma das maiores dificuldades em editar uma revista é que o editor tem que determinar o que interessa a você, leitor, coletivamente [...] A resposta que encontramos foi dar alguma coisa para cada um”. Tratava-se, “como eles gostavam de repetir”, de uma revista “feita para e por homossexuais, lidando com a única coisa que nossos leitores têm em comum – sua homossexualidade”. A revista também trazia fotos de homossexuais em eventos sociais da comunidade e matérias sobre sua “vida cotidiana”. Apresentava temas como “Homossexualidade como crime” (jan. 1965); “São os homossexuais doentes?” (jan. 1969) e “Transsexual” (set. 1975). Na leitura de Jorge Rodrigues, isso demonstra que a revista se preocupava em “mapear os interesses pessoais e coletivos da comunidade”.

Em 1967, surge o *Advocate* (inicialmente *The Los Angeles Advocate*, jornal; em 1975, passa a ser revista quinzenal), que exibe “colunas pessoais, editoria, crítica de filmes e livros, e um calendário de atividades sociais na cidade”. O editorial de sua edição de lançamento traz a metáfora da criança: “[...] Nascemos. E, como toda criança, somos, e seremos por um tempo, desajeitados, desengonçados” (*The Los Angeles Advocate*, set. 1967, n. 1, p. 6 *apud* RODRIGUES, 2010, p. 48, nota 4; RODRIGUES, 2010, p. 34). Rodrigues observa que alguns dos temas apresentados pela *Vector* “estarão estampados nas capas do primeiro (*sic*) periódico brasileiro”, que, para ele, é o *Lampião da Esquina*: “São assuntos que habitavam e ainda habitam o imaginário da comunidade gay, não só a americana como a brasileira” (RODRIGUES, 2010, p. 31-32).

Observa-se, portanto, a pluralidade de pontos comuns entre as experiências editoriais

estadunidenses, descritas por Jorge Rodrigues, e as dos periódicos brasileiros aqui examinados, apesar da diferença cultural e histórica entre as duas sociedades nacionais. As marcas da identidade deteriorada, a preocupação em agradar aos leitores, a presença de coluna com fofocas, a publicação de guias e roteiros gays, as notícias sobre lançamentos de livros e a busca por legitimação nas concepções médicas e jurídicas são alguns desses pontos comuns. Também as reflexões sobre identidade sexual e os processos de desqualificação; o fomento à coesão nos coletivos, como estratégia de combate ao isolamento, construção e obtenção de apoio; os incontáveis atos de conquista coletiva de territórios em espaços públicos e as atividades de recreação desenvolvidas. Vemos até mesmo a coincidência no uso da analogia entre a edição inaugural de periódico e um bebê recém-nascido, presente tanto no soteropolitano *Baby*, de 1969, quanto no californiano *Advocate*, de 1967.

Talvez por ter como objetivo em sua pesquisa examinar a produção visual (*design*) dos periódicos, Jorge Rodrigues recortou suas fontes brasileiras entre o *Lampião da Esquina* e algumas outras publicações que a ele se seguiram, as quais examina comparativamente aos periódicos estadunidenses. Ele não examinou os periódicos brasileiros que circularam anteriormente ao *Lampião*, embora o subtítulo da tese seja “Histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil”¹⁸. Ele aborda as experiências nacionais da imprensa artesanal “entendida” através das lentes de James Green, em sua tese (que leu na edição em inglês), e do ensaio de Marcus Assis Lima (2001, p. 2, que vê o *Snob* meramente como “mais um colunismo social [do] que um veículo de discussão de ideias”). Das 209 páginas de sua tese, em apenas três Jorge se ocupa das nossas publicações pioneiras: da página 43 (três linhas) à 46 (RODRIGUES, 2007). Sobre o *Snob*, destaca sua pequena tiragem e incorpora as leituras de James Green e Marcus Lima, a quem cita, reproduzindo a sentença de se tratar “quase exclusivamente [de] um veículo para registrar as festas e reuniões deste grupo, além de dar dicas sobre locais de ‘pegação’”. Ele ainda afirma que “seu pioneirismo e originalidade são muito importantes para analisarmos questões de gênero, a visão política dos editores e leitores e a questão da construção de identidades”, mas não consegue perceber que essas “questões” demonstram precisamente o processo de constituição da identidade coletiva e da consciência política, momentos integrantes do movimento social (RODRIGUES, 2007, p. 45).

Por não ter pesquisado os próprios periódicos artesanais brasileiros, Rodrigues não se deu conta do quanto eles guardam relação com os conteúdos das publicações da imprensa gay

¹⁸ Cf. RODRIGUES, 2010, p. 16. Jorge Luís Pinto Rodrigues e Jorge Caê Rodrigues são a mesma pessoa. O primeiro, seu nome civil, como consta da tese; o segundo, como consta no livro publicado.

estadunidense que ele comenta, mesmo aquelas produzidas no modelo industrial e que contaram com grande distribuição. Por apenas ter examinado *Lampião da Esquina* (que também apresenta muitas características daqueles periódicos pioneiros, como, por exemplo, a seção de fofocas personificada na mítica Rafaela Mambaba, os roteiros de lazer e sexo casual e os nus masculinos) e posteriores, Jorge reproduz e reforça a ideia de que não havia ativismo político nos jornais artesanais (RODRIGUES, 2010, p. 50, *passim*). Apesar do processo apontado, mas não reconhecido por James Green, Jorge também não percebeu que eles integram o processo de construção do movimento homossexual brasileiro, nos precisos termos do reconhecimento conferido tanto pela bibliografia crítica estadunidense em que se apoia quanto pelo ensaio de Darcy Penteado no *Lampião* e também por ele citado.

Essa forma de olhar a formação do MHB não é exclusiva de Jorge Rodrigues. Ela se constituiu com o trabalho de MacRae (2018 [1986]) e de Green (2000 [1999]) e foi sendo repetida mecanicamente, conforme demonstrei em outro lugar (COLAÇO RODRIGUES, 2022). Assim, cristalizou-se entre nós uma visão superficial e reducionista dessas publicações pioneiras que, entretanto, não foram pesquisadas.

Concluindo

Como procurei demonstrar, com seus mais de trinta periódicos, a imprensa artesanal gay brasileira, assim como a estadunidense, possibilitou formas de sociabilidade e lazer, pertença e mecanismos de proteção social. Ali refletiam sobre si e o lugar que a sociedade lhes destinava. Buscaram entendimento nos discursos de verdade então legitimados. Informavam-se sobre o lançamento de livros, filmes e peças teatrais sobre a temática, sobre o movimento internacional, alguns atores tendo contato com ativistas no exterior, como é o caso de Frederico Jorge Dantas (INSAUSTI; FERNÁNDEZ GALEANO, 2020). Problematizaram de forma precursora sobre a construção da masculinidade e a gestão de seus símbolos, bem como os modos de exercício de sua sexualidade e afeto. Buscaram se organizar para a superação da identidade deteriorada, para o enfrentamento à discriminação e para o reconhecimento de seus direitos civis.

Essa imprensa foi, portanto, muito além do decantado exercício do humor derrisório e da paródia de um determinado estilo de feminino – expressões legítimas de sua subcultura. Foi o espaço por excelência por meio do qual romperam a atomização, o desenraizamento e construíram mecanismos de proteção social. Em suas páginas reelaboraram a sua experiência e trabalharam a construção da consciência, identidade, discurso e agenda política – elementos constituintes dos

movimentos sociais (GOHN, 2008 [1997], p. 242-269). Não é possível compreender a ação política encetada pelos movimentos sociais fora do tempo histórico, como se fora um evento mágico, com data marcada, linear, produtivista.

Referências

BARBO, Daniel. *Cultura política homoerótica: a Grécia antiga e a (pós) modernidade*. Curitiba: Prismas, 2017.

COLAÇO, Rita. *Uma conversa informal sobre homossexualismo*. Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1984.

COLAÇO RODRIGUES, Rita C. Mitos, categorias e cristais – revisitando os clássicos do movimento homossexual brasileiro. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4540>.

COSTA, Rogério da Silva Martins da. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. [Dissertação] Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais. Rio de Janeiro: FGV-CPDOC, 2010.

D'ARAUJO, Maria Celina. *Capital social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FERREIRA, Vinícius. Por uma história cultural da imprensa homossexual. In: RÊGO, Ana Regina et al. (orgs.). *Os desafios da pesquisa em história da comunicação: entre a historicidade e as lacunas da historiografia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019. p. 405-439.

FIGARI, Carlos. *@s outr@s cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: séculos XVII ao XX*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora UFMG, IUPERJ, 2007.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1966].

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2001 [1971].

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. Matias Lambert. Rio de Janeiro: LCT, 1988 [1963].

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1975 [1959].

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 2008 [1997].

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São

Paulo: Unesp, 2000 [1999].

INSAUSTI, Santiago Joaquín; FERNÁNDEZ GALEANO, Javier. Archivos Digitales Queer: Cartografias Digitales de las Redes Transnacionales LGBTQ en Latinoamérica a través del Archivo de Robert Roth. *Moléculas Malucas - Archivos y memorias fuera del margen*, abr. 2020. Disponível em: <https://www.moleculasmalucas.com/post/archivos-digitales-queer>

LIMA, Marcus Assis. Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil. *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*, 2001, p. 2. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-marcus-assis-IMPRESA-HOMOSSEXUAL-BRASIL.pdf>.

MACRAE, Edward. A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. Salvador: Edufba, 2018 [1986].

MÍCCOLIS, Leila. O movimento homossexual brasileiro organizado – esse quase desconhecido. In: MÍCCOLIS, Leila; DANIEL, Herbert. *Jacarés & lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Achamé-socii, 1983. p. 96-110.

MÍCCOLIS, Leila. *Catálogo de imprensa alternativa*. Rio de Janeiro: RioArte, 1986.

MORANDO, Luiz. Uma proto-história do movimento LGBTQIA em Belo Horizonte (1950-1996). Comunicação apresentada ao GT 23, do VII Encontro de Pesquisa em História da UFMG, 10 de maio de 2018.

MORANDO, Luiz; COLAÇO, Rita. Travestis e afeminadas – uma luta que vem de muito longe. *Memórias e Histórias das Homossexualidades* (blog), 29 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://memoriamhb.blogspot.com/2022/01/travestis-e-afeminadas-uma-luta-que-vem.html>

PUTNAM, Robert. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Trad. Luíz Alberto Monjardim. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005 [1993].

RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. A imprensa gay do Rio de Janeiro: linguagem verbal e linguagem visual. In: GROSSI, Míriam Pillar *et al.* (orgs.). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 69-90.

RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil*. [Tese] Doutorado em Letras. Niterói: UFF, 2007. Disponível em: http://www.bdt.d.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2007-10-22T133937Z-1056/Publico/Tese-JorgeRodrigues-introd-cap2.pdf.

RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Niterói: EduFF, 2010.

RODRIGUES, Jorge Caê. Um Lampião iluminando esquinas escuras da ditadura. In: GREEN, James; QUINALHA, Renan (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: Edufscar, 2014. p. 83-123.

RODRIGUES, Rita C. C. . *De Daniele a Chrysóstomo: Quando travestis, bonecas e homossexuais*

entram em cena. (Tese). Programa de Pós Graduação em História Social. ICHF, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1437.pdf>.

RODRIGUES, Rita C. C. Artes de acontecer: viados e travestis na cidade do Rio de Janeiro, do século XIX a 1980. *Esboços*, revista do Programa de Pós-Graduação em História da USFC, v. 23, n. 35, p. 90-116, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2016v23n35p90>.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, José Fábio Barbosa da. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005 [1960]. p. 41-212.

SILVA-JÚNIOR, Carlos Humberto Ferreira. *O Centauro* e a protoimprensa gay brasileira: extensão das sociabilidades na década de 1960. Trabalho apresentado no GT5 - Comunicação e lutas por cidadania na disputa de hegemonias, da XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2022, de 19 a 21 de outubro de 2022.

SOLIVA, Thiago Barcelos. *A confraria gay*: um estudo de sociabilidade, homossexualidade e amizades na Turma OK. [Dissertação] Mestrado em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. v. 1: A árvore da liberdade. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020a [1963].

THOMPSON, Edward Palmer. Consciência de classe. In: THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. v. 3: A força dos trabalhadores. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020b [1963]. p. 413-459.

Fontes

ARCADIE *Revue Littéraire et scientifique*, Paris, n. 7-8, juillet-août 1954, ao n. 108, décembre 1962. Acervo pessoal da autora.

BITTENCOURT, Francisco. Discoteca, sauna, clube: um admirável mundo novo? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 1, 25 maio-25 jun. 1978, p. 5. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

BOLETIM da *Aliança dos Ativistas Homossexuais*, Rio de Janeiro, n. 2, 1977. Acervo Arquivo Edgard Leuenroth.

DANTAS, Fredirico [sic Frederico] Jorge. Comportamento homossexual. *Gente Gay*, Rio de Janeiro, n. 8, 30 jul. 1977, p. 13-15.

DANTAS, Frederico Jorge. Qual é a da nossa imprensa? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 0, abr. 1978, Cartas na mesa, p. 5. Disponível em:

<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

FERREIRA, José Alcides. Pauladas na ‘bixórdia’. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 2, 25 jun.-25 jul. 1978, p. 14. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

FONSECA, Hélio. *Snob*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, maio-jun. 1969, p. 16.

FRY, Peter. História da imprensa bahiana. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 4, ago.-set. 1978, p. 4. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

GUIMARÃES, Agildo B. Um abraço do “Gente Gay”. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 1, 25 maio-5 jun. 1978, Cartas na mesa, p. 14. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

JORNAL *Baby*, Salvador, n. 1, fevereiro de 1969.

JORNAL do Brasil, Rio de Janeiro, 23/02/1964, Cad. B, p. 8; 02/08/1964, Cad. B, p. 15; 18/03/1965, Cad. B, p. 7, 9, 11; 18/03/1965, Cad. B, p. 4; 13/05/1965, 1º Cad., p. 14; 12/02/1966, 1º Cad., p. 8; 07/06/1966, Cad. B, p. 4; 31/07/1966, Cad. B, p. 10, 11, 12, 14, 16, 17; 15/02/1967, Cad. B, p. 6; 23/02/1967, Cad. B, p. 6; 08/06/1967, Cad. B, p. 4; 06/07/1967, Cad. B, p. 3; 17/10/1967, Cartas dos Leitores, 1º Cad., p. 6; 21/10/1967, Cad. B, p. 3; 07/07/1967, Cad. B, p. 3; 11/07/1967, Cad. B, p. 2 até 16/10/1967; 27/07/1967, Cad. B, p. 2.

Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 30/06/77, p. 2; 12/07/77, p. 2; 18/10/78, p. 2.

JORNAL *Diário da Noite*, São Paulo, 06/10/1961, p. 7.

JORNAL *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 07/10/1966.

JORNAL *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 07/05/1969, 1ª seção, p. 11.

JORNAL *Diário de Pernambuco*, Recife, 16/10/1966, 3º Cad., p. 3.

JORNAL *Gente Gay*, Rio de Janeiro, n. 2, 31/01/1977.

JORNAL *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 4, 25 ago.-25 set. 1978; n. 5, out. 1978; n. 6, nov. 1978; n. 12, maio 1979; n. 30, nov. 1980; n. 32, jan. 1981; n. 36, maio 1981. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

JORNAL *Tribuna da Bahia*, Salvador, 06/05/1972, p. 4.

MARIE, Bianca [FARAH, Anuah]. As grandes personalidades gay – (1)”. *Gente Gay*, Rio de Janeiro, n. 3, 15/02/1977, p. 15-16.

MÍCCOLIS, Leila. “Snob”, “Le Femme”. Os bons tempos da imprensa guei. *Jornal Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 28, set. 1980, p. 6-7. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

PENTEADO, Darcy. Cultura homossexual: já existe? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, n. 19, dez. 1979, p. 9. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>

RODRIGUES, José. A batalha pelos direitos gay (sic). *Gente Gay*, Rio de Janeiro, n. 8, 30 jul. 1977, p. 12.

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE CONFLITO DE INTERESSES

Eu, RITA DE CASSIA COLAÇO-RODRIGUES, autora responsável pela submissão do manuscrito intitulado **Mitos, problemas e sinais: a imprensa gay, a provisoriedade da história e o ativismo antes de 1978**, declaro que NÃO POSSUO, CONFLITO DE INTERESSES de qualquer ordem (pessoal, comercial, acadêmico, político, financeiro etc.), em relação ao manuscrito acima referido.

Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 2023.

Rita de Cassia Colaço-Rodrigues

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.